

Diário de Petrópolis, 02 de Outubro de 2022

As Previsões do Dr. Doom, 1ª Parte: A Instabilidade Econômica

Por: Ronaldo Fiani

“Dr. Doom”, que poderíamos traduzir como “Dr. Apocalipse” ou “Dr. Catástrofe”, é o apelido que a imprensa atribuiu ao economista Nouriel Roubini, por ter alertado para a chegada da crise em 2008, que ficou conhecida como “A Grande Recessão”, quando muitos economistas famosos não perceberam o colapso econômico que se aproximava. Esta incapacidade de antecipar a recessão que chegava levou a recém-falecida rainha Elizabeth II a perguntar, em uma visita à prestigiada London School of Economics em novembro de 2008: “por que ninguém se deu conta?”.

A resposta à pergunta da rainha é muito simples: muitos economistas estão presos à teoria econômica mais convencional, que supõe as pessoas tomam sempre decisões econômicas racionais, e possuem toda a informação de que necessitam para escolher a melhor entre decisões alternativas. Assim, a economia funciona sempre de forma eficiente e suave, e crises, quando acontecem, se devem à má gestão econômica (por interesses políticos), ou a fatos que não podem ser previstos (como a pandemia da Covid-19).

Ocorre que a teoria convencional é apenas uma ferramenta para estudar as situações econômicas mais simples, como o processo pelo qual a oferta e a demanda se equilibram em um mercado. Ela não é adequada para estudar situações mais complexas, em que as pessoas não têm condições de tomar as melhores decisões racionais, quer porque são muitas as variáveis envolvidas,

quer porque não dispõem de todas as informações necessárias, quer pelas duas coisas ao mesmo tempo.

Como muitos economistas estão aferrados aos seus modelos teóricos convencionais, eles têm dificuldade para enxergar uma crise se aproximando. Em outras palavras, eles não reconhecem que as economias modernas são instáveis: elas estão sujeitas a ciclos que envolvem fases de crescimento seguidas de fases de recessões, porque as economias modernas envolvem uma complexidade maior do que os modelos convencionais conseguem lidar.

Um exemplo desta complexidade são justamente as flutuações ao longo do ciclo econômico, quando inúmeros agentes têm de tomar decisões de investimento relacionadas com a expansão da capacidade produtiva das empresas ao sabor dos altos e baixos da economia. Neste tipo de situação, os chamados “comportamentos de manada” são muito comuns. Um comportamento de manada acontece quando cada agente imita o comportamento dos demais: investe se ou outros estão investindo, reduz investimentos se os outros estão reduzindo.

Obviamente, comportamentos de manada agravam uma situação de desequilíbrio. Se a economia está superaquecida, com inflação provocada pelo excesso de demanda que resulta da expansão do investimento pelos empresários e do consumo crescente dos trabalhadores que estão sendo empregados na ampliação das empresas, o comportamento de manada faz com que o investimento aumente, com ele o consumo e a pressão inflacionária também. Por outro lado, se a economia está enfrentando uma recessão, o comportamento de manada faz com que os cortes de investimentos de várias empresas sejam imitados pelas demais, provocando uma redução generalizada dos investimentos, o que agrava a recessão e o desemprego.

Assim, o comportamento de manada acentua a amplitude do ciclo econômico: se a economia está crescendo, ele leva a economia a crescer de forma ainda mais acelerada; se está desacelerando, ele reduz ainda mais a atividade econômica. Portanto, o comportamento de manada reforça a tendência à instabilidade das economias modernas. A crise de 2008 mais uma vez deixou isto claro, quando as empresas cortaram investimentos e os bancos cortaram o crédito em um típico comportamento de manada.

Mas o comportamento de manada não é irracional? Por que executivos e empresários agem assim, adotando uma atitude “maria vai com as outras”, como se dizia antigamente, em uma decisão tão séria quanto o investimento de uma empresa? Na verdade, se não há informação suficiente, o comportamento de manada é racional no mundo competitivo em que vivemos. A razão é simples: se você investe quando todos investem, você vai obter aproximadamente o mesmo ganho que todos os outros, ou seja, não vai “ficar para trás” porque não investiu e perdeu a oportunidade. Sua posição será muito mais defensável, especialmente se você for um executivo que tem de justificar suas decisões para os acionistas. Da mesma forma, cortar os investimentos se todos estão cortando é uma posição mais defensável do que manter planos de investimento, quando seus concorrentes estão se retraindo.

Por conseguinte, o comportamento de manada que reforça a instabilidade econômica é a resposta racional para a complexidade do funcionamento das economias modernas, com seus ciclos de crescimento e recessão. É preciso ter uma abordagem teórica adequada para lidar com esta realidade, o que Nouriel Roubini possui.

Na próxima semana vou abordar as profecias de Roubini para a economia global, que não são nada boas.

Link para a matéria original:
<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-220083>